

MIGRAÇÕES INTERNAS NO PENTECOSTALISMO – ANÁLISE DO TRÂNSITO
INTRA-PENTECOSTAL EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP

Comunicação para o Grupo de Pesquisa Protestantismos e Pentecostalismos, do X Simpósio da Associação Internacional de História das Religiões, 12 a 15 de maio de 2008, Assis, SP

Sérgio Francisco dos Santos Oliveira – Mestre em Ciências da Religião

Universidade Metodista de São Paulo

E-mail: sergiojane@bol.com.br

Na Modernidade, a estabilidade deu lugar à instabilidade, a fixação à movimentação, a rigidez à flexibilidade. O que caracteriza o mundo moderno é a mudança e a velocidade das mudanças. Por isso, desaparecem as referências, os marcos e fronteiras, tornando-se fluidos. Os pontos fixos tornam-se móveis, a segurança relativiza-se, todas as coisas tornam-se transitórias, provisórias. A troca é a palavra de ordem. Troca-se tudo e de tudo: troca-se de roupa e de casa, de emprego e de cônjuge, de personalidade e de sexo, de Deus e de religião.

Maffesoli (2001) fala dessa circulação, ou errância das pessoas no mundo moderno como uma tendência e uma prática muito antigas. Numa espécie de elogio à errância, ao nomadismo, o autor interpreta a migração como expressão do “*desejo de quebrar o enclausuramento e o compromisso de residência próprios da modernidade (16)*”, ao mesmo tempo em que representa uma busca do bem, tal como no mito indígena da “terra sem males”: “*O nomadismo, assim, é uma espécie de ascese. É um exercício de ser melhor, de estar bem*” (152).

Assim, o arquétipo do Êxodo como desenraizamento e reintegração é o modelo desse estilo de vida de errância, tanto individual como social, que acaba por constituir uma nova identidade, uma nova segurança, que recusa o fechamento. A espiritualidade e a religiosidade nômade é aberta e acolhedora, integra e inclui, admite a pluralidade e “evita a esclerose do hábito e da monotonia” (p. 156 e 157).

Nessa mesma linha de análise, Lazzari (In: Octavio Ianni, 2001, 182-190) entende as migrações como um fenômeno do mundo moderno e o migrante como um ator social que se coloca entre a integração e a mobilidade e revelador de aspectos importantes da organização e transformação das sociedades contemporâneas:

Os migrantes promovem o encontro de várias culturas, o intercâmbio de valores, instituições, formas de sociabilidade, ideais, línguas e religiões, constituindo um vasto processo de transculturação, no qual culturas se acomodam, tensionam, negam e recriam, ao

mesmo tempo, produzindo misturas e hibridizações. Longe de ver esse processo como negativo, Lazzari entende que o migrante tem a possibilidade de uma consciência *sui generis*, pelo desenvolvimento de uma percepção diversificada, plural, múltipla, pois ele está ao mesmo tempo, em vários lugares e situações, “pode desenvolver certa equidistância, visualizar criticamente a sociedade adotiva e a originária, colocar-se em condição de ‘marginal’” (p. 188). Combinam-se, na consciência do migrante, “o singular e o plural, a identidade e a alteridade, a integração e o antagonismo, a acomodação e a transformação” (p. 189). Portanto, o migrante tem, para Lazzari, um papel importante na formação da sociedade plural, mundial, por estar nos e participar dos caminhos por onde ela se movimenta e organiza.

Vê-se, assim, que a migração inter-religiosa é uma expressão no mundo religioso desse fenômeno mais amplo, que eclode em todos os cantos e campos da sociedade moderna e mundial, do nomadismo, ou das migrações nacionais, internacionais, transculturais e interculturais.

Em nosso trabalho, queremos tratar da migração de fiéis entre instituições religiosas pentecostais, tendo como principal material de reflexão os resultados da pesquisa de campo que realizamos em São Bernardo do Campo, com o objetivo de entender seus movimentos, interpretar sua significação e suas motivações e desenhar a paisagem em que eles se movem.

O MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

São Bernardo do Campo é um município cujo crescimento populacional foi extraordinário nas décadas de 50 a 80 do século passado. De 1950 a 1960, a população passou de 29.295 habitantes para 82.411, o que significa um crescimento percentual de 181,31% em apenas 10 anos. Na década seguinte, de 1960 a 1970, o crescimento continuou, chegando a 201.662 habitantes, representando assim um crescimento de 144,7%. De 1970 a 1980, a população passou para 425.602 habitantes, ou seja, um crescimento de 111,04%. Observa-se, por esses números, que o percentual de crescimento populacional diminuiu, o que continuou acontecendo nos anos seguintes. Em 1991, a população era de 566.893; em 1996, de 660.396; em 2000, era de 703.177; em 2001, de 717.792 e em 2002, a população chegou a 731.854. Observe na tabela 06 esses números:

Seguindo a tendência de todos os municípios da Grande São Paulo, São Bernardo do Campo teve redução da taxa anual de crescimento populacional. De 1970 a 1980, o percentual anual de crescimento foi de 7,76%. De 1980 a 1991, o percentual caiu para 2,63% e de 1991 a 2000, diminuiu ainda mais para 2,42%.

Embora São Bernardo do Campo tenha experimentado uma forte redução na taxa de crescimento populacional, sempre teve os índices mais altos, se comparados com os índices gerais.

Nossa hipótese é que esse crescimento populacional de S. Bernardo do Campo possa ser explicado pela instalação de um número crescente de indústrias de médio e grande porte na região e, mais recentemente, de universidades, que atraíram pessoas de várias partes do País e do Estado, em busca de emprego e/ou de formação superior. Em nossa pesquisa, constatamos que 38,34% dos pesquisados eram migrantes. A tabela a seguir indica a quantidade por Estado:

IMIGRAÇÃO SOCIAL DAS IGREJAS PESQUISADAS

Minas Gerais 37 (25,5); São Paulo (exceto SBC): 20 (13,79); Pernambuco: 20 (13,79); Bahia: 19 (13,1); Paraná: 10 (6,89); Alagoas: 8 (5,51); Ceará: 7 (4,82); Piauí: 6 (4,13); Mato Grosso do Sul: 4 (2,75); Paraíba: 3 (2,06); Rio de Janeiro: 3 (2,06); Espírito Santo: 2 (1,37); Maranhão: 2 (1,37); Sergipe: 1 (0,68); Rondônia: 1 (0,68); Rio Grande do Norte: 1 (0,68); Goiás: 1 (0,68); Total: 145.

Além da imigração de outros Estados, temos também a imigração de outras cidades do interior do Estado de São Paulo. Foram 20 pessoas no total. Portanto, totalizando esses números, temos o seguinte resultado: 125 imigrantes de outros Estados e 20 imigrantes do próprio Estado de São Paulo. Juntos, somam 145 imigrantes, o que representa 44,47% do total de pessoas pesquisadas.

Esses números revelam que 44,47% dos pesquisados não são naturais de S. Bernardo do Campo. Os dados estatísticos fornecidos pela Seção de Pesquisa e Banco de Dados da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, com base em censos demográficos da FIBGE confirmam a grande participação do movimento migratório no seu crescimento populacional, no período de 1950 a 1980, invertendo-se essa participação de modo rápido, a partir da década de 80, quando começa a diminuir a imigração para a região.

APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS PESQUISADOS

Na pesquisa de campo que realizamos em outubro de 2003, aplicamos questionários nos seguintes grupos e instituições:

- Assembléia de Deus, bairro Areião: 92
- O Brasil para Cristo, bairro Rudge Ramos: 13

- Batista Renovada, bairro Assumpção: 20
- Portal da Vida, Sto. André: 64
- Faculdade Evangélica Beth Shalom, centro: 48
- Escola Bíblica de Ensino Evangélico, centro: 81
- Academia Gospel Gym Carlos & Cia, Rudge Ramos: 08

Os números levantados foram os seguintes: dos 326 pesquisados, 88 eram migrantes de outra igreja pentecostal, o que representa 27% (na verdade, incluímos aqui alguns migrantes oriundos de igrejas neopentecostais, que eram em pequeno número, sendo que em alguns casos já havia uma filiação pentecostal anterior).

Levantamos um perfil dos migrantes pentecostais, cujos traços principais foram os seguintes:

- Não há uma diferença de gênero na quantidade de migrantes. A diferença está nas motivações da mudança; (a porcentagem de homens nas igrejas pesquisadas é menor que de mulheres: 38,34% de homens e 59,06% de mulheres).
- A faixa etária em que se observa maior migração é de 22 a 30 anos (33,64%); entretanto, o percentual de pentecostais nessa faixa etária nas igrejas pesquisadas é também a maior: 33,02%. Portanto, devemos observar onde ocorrem as disparidades. Elas ocorrem na faixa de 19 a 21 anos e depois dos 41 anos. Isso significa que a migração é maior nessas faixas etárias em termos comparativos.
- O grau de escolaridade dos migrantes pentecostais é um pouco mais avançado em todos os níveis, em comparação com os índices levantados entre todos os pentecostais pesquisados;
- O nível de renda entre os migrantes pentecostais é maior nas faixas médias, entre 720,00 e 2400,00 reais mensais, enquanto que é menor na faixa inferior a 720,00 e nas faixas acima de 2400,00;
- As duas características anteriores revelam haver uma maior tendência ao nomadismo nos pentecostais que são mais beneficiados, ou afetados pela produção sócio-cultural moderna;
- Quanto à intensidade da migração pentecostal, constatamos o seguinte: 80,6% migraram somente uma vez; 14,7% migraram duas vezes, 2,2% migraram três vezes e 2,2% migraram quatro vezes.

MOTIVAÇÕES PARA A MIGRAÇÃO

Por quê as pessoas mudam de igreja, no sub-campo pentecostal? Procuramos mostrar neste trabalho que relação o pentecostalismo e o fenômeno da migração entre as igrejas pentecostais mantêm com a Modernidade, e como esta constituiu um conjunto complexo de circunstâncias e atitudes que permitem e promovem a migração inter-religiosa. Nosso trabalho aqui é o de interpretar as respostas dadas a essa pergunta, da maneira mais objetiva e respeitosa possível, a fim de situá-las no nosso horizonte teórico.

Das respostas a esta pergunta obtivemos o seguinte resultado:

Motivos da mudança	Quantidade de respostas
1. Enfermidade pessoal	03
2. Enfermidade do(a) esposo(a)	02
3. Enfermidade do(a) filho(a) ou outro parente	00
4. Morte de um ente querido	04
5. Desemprego pessoal	03
6. Desemprego de alguém da família	03
7. Problemas de relacionamento afetivo com o(a) esposo(a)	02
8. Problemas de relacionamento afetivo com outra pessoa da família	02
9. Problemas financeiros	03
10. Solidão	07
11. Buscava uma experiência religiosa diferente	15

Outros motivos: Medo do pastor, ele dizia coisas horríveis; os que são de Deus são guiados pelo Espírito de Deus; Fundação da Igreja Portal da Vida; Problemas com ministério (2); Não acontecia o que diz em At 2.42-46; Problema de condução (transporte); Era muito longe; Marido não acompanhava na outra igreja; Chamado de Deus; Localização; Mudei de bairro; Mudei de cidade; Chamado para ajudar na obra; Não concordar com coisas que é heresia; buscar a doutrina certa. Influência da família. Sede; necessidade de Jesus; senti o verdadeiro amor de Deus.

As três primeiras alternativas de resposta dizem respeito à crise gerada pela enfermidade física, seja no próprio pesquisado, seja na vida de alguém da sua família mais próxima. A quarta alternativa, a morte de alguém querido, representa o maior fator gerador de crise, como uma agudização dos problemas anteriores. Foram nove as pessoas que migraram motivadas por essas situações-problema mais fortemente ligadas à vida e sua manutenção.

As respostas cinco, seis e nove referem-se a problemas ligados ao sustento, à sobrevivência, em uma sociedade onde o dinheiro tornou-se uma necessidade primária e o emprego uma função vital. O desemprego torna-se uma crise bastante grave. Essas preocupações estiveram presentes em nove pessoas migrantes, sendo uma causa de terem buscado outra igreja.

As alternativas sete, oito e dez representam crises emocionais e de relacionamento. Para 11 pessoas, esses tipos de dificuldades e sofrimentos pessoais poderiam ser resolvidos com a mudança de grupo religioso.

A alternativa que teve o maior número de indicações foi a “busca por uma experiência religiosa diferente”: ela foi apontada por 10 pessoas como a única razão de sua mudança de grupo religioso e para outras cinco pessoas ela foi uma entre outras razões para a migração. Embora esse tenha sido o motivo mais apontado para a migração (17,04%), supomos que o “diferente” buscado não se distancia muito da experiência religiosa já conhecida do indivíduo, tendo em vista que as migrações em questão são realizadas no interior do sub-campo pentecostal, entre grupos pentecostais, cujas crenças e práticas, valores e experiências não diferem tanto entre si a ponto de justificar uma busca por algo profundamente diferente em sua essência ou forma e não em modelos religiosos essencialmente diferentes, como seria, por

exemplo, o islamismo¹. Trata-se, segundo nossa maneira de ver, portanto, de um anseio por um novo fervor, uma nova sensação, uma renovação da experiência já conhecida, “um maior aprofundamento espiritual”, “uma maior proximidade com o sagrado”², dentro do padrão pentecostal. O que está em jogo é uma troca por afinidade. Os pentecostais que buscam experiências religiosas diferentes dentro do próprio pentecostalismo não buscam, portanto, algo muito diferente, mas provavelmente estão em busca de uma renovação, uma revitalização ou um aprofundamento da experiência que já possuem. As novas propostas no mercado religioso não podem, portanto, afastar-se demais da experiência já conhecida pelos indivíduos, os quais fazem sua própria combinatória religiosa a partir de suas afinidades e experiências já assimiladas. O diferente não é tão diferente, o novo não é tão novo e, portanto, a mudança não é tão radical e profunda.

A pergunta que poderíamos então tentar responder agora é a seguinte: mulheres e homens têm os mesmos motivos para migrarem? Os homens apresentaram as seguintes motivações para a migração: busca de uma experiência religiosa diferente = 11; solidão = três; problema de distância e transporte = quatro; problemas com liderança e ministério = três; morte de um ente querido = um; desemprego de alguém da família = um; problemas financeiros = um; para acompanhar a esposa = um; fazer a vontade de Deus = um e outros não declarados. As mulheres migrantes revelaram os seguintes motivos: busca de uma experiência religiosa diferente = cinco; enfermidade pessoal = duas; enfermidade do esposo = duas; morte de um ente querido = três; desemprego pessoal = duas; desemprego de alguém da família = duas; problemas de relacionamento afetivo com o esposo ou outra pessoa da família = três; problemas financeiros = um; solidão = quatro; problemas com liderança = duas; mudança de residência = quatro; acompanhar o marido = um; me sinto melhor = um e outros não declarados.

Uma comparação das motivações de homens e mulheres revela algumas diferenças e algumas semelhanças. Uma das diferenças está na busca de uma experiência religiosa diferente, que os homens apresentaram em maior quantidade. Já as mulheres apresentaram-se mais preocupadas do que os homens com problemas ligados ao dia-a-dia, como enfermidades, desemprego e crises nos relacionamentos, migrando para buscar soluções para essas demandas.

¹ Temos encontrado alguns migrantes (fora do contexto de nossa pesquisa aqui apresentada) que têm circulado por expressões religiosas mais distintas, como o Sílvio (nome fictício), que já foi presbiteriano, batista e depois se tornou budista. Nesse caso, ele não via conflitos ou incompatibilidades entre suas várias experiências religiosas, mas alegrava-se com a beleza da integração, da harmonia entre elas e considerava a experiência com o budismo como uma completação e clarificação das religiosidades anteriores.

² Expressões usadas por Souza (2001, p. 162) ao tratar das razões declaradas pelas pessoas por ela pesquisadas para o seu trânsito religioso, na região de Alto Paraíso, Goiás.

Quanto às respostas apresentadas pelos pesquisados no item: “outros”, podemos assim classificá-las:

1) Causas ligadas a questões geográficas: a pessoa precisou mudar-se de bairro, ou de cidade, por questões pessoais e “seculares”, passando, por isso, a participar de outra igreja, próxima de sua casa;

2) Causas referentes ao mal-estar e a insatisfação gerada pela distância entre as expectativas individuais e a realidade social e comunitária do grupo religioso do qual participava (“medo do pastor”, “Não acontecia o que diz em At 2.42-46”, texto bíblico que descreve a maneira como os primeiros cristãos viviam em unidade, simplicidade e fraternidade);

3) Causas ligadas aos problemas do exercício do poder, da liderança e do serviço religioso, expressos como “problemas com ministério”, “chamado para ajudar na obra”, bem como discordâncias doutrinárias: “não concordar com coisas que é heresia”.

4) Causas cujo correspondente concreto é sublimado pela experiência subjetiva da percepção de um chamado divino, ou de uma orientação divina para mudar de igreja (“os que são de Deus são guiados pelo Espírito de Deus”, e “chamado de Deus”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa revelou um crescimento no fluxo migratório em tempos mais recentes. Perguntamos há quanto tempo o pesquisado participa da igreja em que está atualmente. Obtivemos o resultado da seguinte tabela:

TEMPO DE PARTICIPAÇÃO DOS MIGRANTES NA IGREJA ATUAL

Tempo na igreja	Quantidade de migrantes	%
Menos de 01 ano	10	11,36
01 ano	12	13,63
02 anos	10	11,36
03 anos	08	9,09

04 anos	05	5,68
05 anos	04	4,54
06 anos	02	2,27
07 anos	01	1,13
08 anos	04	4,54
09 anos	02	2,27
10 anos	09	10,22
11 anos	02	2,27
13 anos	02	2,27
15 anos	03	3,4
16 anos	01	1,13
17 anos	02	2,27
22 anos	01	1,13
23 anos	01	1,13
24 anos	01	1,13
Não declararam	08	9,09
Total	88	

Percebe-se claramente na tabela e gráfico acima que a quantidade de migrantes com menos tempo na igreja atual é maior do que a de migrantes com mais tempo. Esses dados não medem a intensidade da migração, uma vez que não se refere à quantidade de migrações de cada migrante, nem ao tempo de permanência dele em cada igreja pela qual passou. O que os

dados acima parecem deixar claro é que a quantidade de migrantes tem crescido com o passar dos anos: encontramos um migrante cuja migração ocorreu há 23 anos, enquanto que dentro dos últimos 12 meses anteriores à pesquisa, encontramos 22 migrantes. Concluimos, a partir daí, que tem havido uma tendência de aumento do número de migrantes entre igrejas pentecostais nos anos recentes, mais acentuada nos últimos sete anos. Os valores percentuais mais altos de migração verificados aos oito anos (4,54%) e aos 10 anos (10,22%) em nossa pesquisa são casuais e localizados, pois estão relacionados ao nascimento da Igreja Portal da Vida, pois três dos quatro casos de oito anos de participação na igreja e oito dos nove casos de 10 anos de participação na igreja são da igreja citada. Em todos esses casos, exceto um deles, os migrantes saíram de uma igreja chamada “Voz da Verdade” para filiar-se à “Portal da Vida”.

Esta pesquisa confirma a existência de uma relação bastante clara entre a migração pentecostal e as transformações e adaptações das igrejas pentecostais à modernidade: a busca por uma nova experiência religiosa reflete a insuficiência e precariedade da experiência religiosa atual para os sujeitos religiosos, que não valorizam mais a tradição religiosa à qual pertencem. Numa sociedade pós-tradicional, como Danièle Hervieu-Léger chama a sociedade moderna, a linhagem de crença e a pertença duradoura perdem força, na medida em que os sujeitos buscam uma experiência pessoal emocional, imediata, que satisfaça as suas demandas subjetivas e presentes, pois a experiência anterior não lhes serve mais, ela é volátil e provisória. Além dessa motivação, os indivíduos buscam na religião uma solução para problemas do cotidiano, temporais, como enfermidades, dificuldades financeiras, crises nos relacionamentos, que refletem as características de uma religião adaptada à modernidade: a busca por soluções para problemas do cotidiano, soluções imediatas e mágicas a problemas transitórios. Sua busca expressa o desejo de viver bem na Terra. É uma migração que expressa os valores e as características da própria modernidade: individualismo, utilitarismo, fluidez e transitoriedade, ao mesmo tempo em que expressa a busca por preenchimento das lacunas deixadas pela modernidade latino-americana: o isolacionismo e as carências emocionais, sociais, econômicas e políticas.